

## A DOENÇA MENTAL NAS MULHERES NEGRAS

LEONEL, Fabiana<sup>1</sup>; PEREIRA, Pedro Paulo<sup>2</sup>

Palavras-chave:

### 1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

O Estado brasileiro tem reconhecido depois de pesquisas quantitativas que o Brasil é racista, ou seja, que a raça/cor das pessoas é determinante no que diz respeito ao acesso dos bens como às restrições no exercício da cidadania<sup>3</sup>. Estas restrições foram percebidas em várias áreas, educação, moradia, saneamento básico, mercado de trabalho, nas relações afetivas/sexuais<sup>4</sup> e na saúde, que é sobre o que me aterei neste trabalho.

Acompanhando as discussões sobre relações raciais em eventos municipais, estaduais e nacionais observei (tanto em palestras como em textos) em várias ocasiões citações sobre as conseqüências do racismo e do sexismo sendo, uma delas os transtornos psíquicos. Apesar de citações sobre o tema serem freqüentes trabalhos que o enfoquem diretamente são poucos. Este estudo se dispõe a pesquisar as relações raciais e de gênero percebendo-as como variáveis relevantes a ponto de relacioná-las com a saúde mental das mulheres.

A realização da pesquisa foi possível no P.S.P Wassily Chuc porque a diretora Oraida Abreu na sua gestão<sup>5</sup> iniciou um trabalho junto aos funcionários de sensibilização da importância no preenchimento do quesito cor Fruto de uma cultura universalista que é característica da idéia de uma democracia racial vigente no Brasil médicos e outros profissionais da saúde não consideram os diferenciais e as particularidades da realidade da mulher negra. A doença mental não se restringe a fatores puramente biológicos ela tem agravamento com fatores emocionais. “A literatura médico-antropológica, ao recusar com justiça o determinismo biomédico, opera com hipótese de uma correlação entre “condições de vida” (ou sociais, ou socioeconômicas), “perturbações” (distress, sofrimento, aflição, ECT.) e nervoso” (DUARTE, 1994:88)

A discussão teórica se dá através de textos de antropologia da saúde, gênero e relações raciais. A abordagem da saúde mental das mulheres negras tem que levar em conta as seqüelas da violência simbólica (GONZALES, 1984) e da violência física que são aplicadas sobre essas diariamente e implicações no fato de ser mulher negra em uma sociedade que nega o racismo existente em todas as esferas: trabalho, estética, relacionamentos pessoais, interesses sexuais e vários outros (INOCÊNCIO, 2001).

As leituras levaram a análise o que alguns autores afirmam ser uma “camuflagem”, ou seja, essa camuflagem é o que impede as mulheres negras de

---

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica, Pesquisadora do Núcleo de Estudos Africanos e Afrodescendentes.

<sup>2</sup> Pesquisador do CNPQ

<sup>3</sup> SANTOS, Milton. Há cidadãos neste país? / O cidadão mutilado. In: SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo, Nobel, 1987, p. 07-32.

<sup>4</sup> Em artigo sobre relacionamentos inter-raciais a autora Diva Moreira percebe a partir de pesquisas realizadas em Belo Horizonte que as mulheres negras não são as preferidas no “mercado matrimonial” pelos homens negros e nem pelos brancos.

<sup>5</sup> Gestão 2000-2004 (a diretoria é considerada cargo de confiança, ou seja, quando muda a prefeitura mudam também os diretores).

identificar as origens das suas privações, internalizando-as, que é um empecilho para que estas vivam plenamente os seus sentimentos. Essa não realização dos planos impedida pelo racismo e sexismo é considerada fator importante na composição de transtornos psíquicos, pelos profissionais da saúde mental.

## **2. METODOLOGIA**

O embasamento desse estudo foi através de pesquisas bibliográficas a cerca das relações raciais onde autores e dados de instituto de pesquisa diferenciaram a situação de ser negra/o e branca/o no Brasil. Nos dados de institutos de pesquisas foi possível apenas a constatação de desigualdades e em textos/artigos a interpretação dessa realidade (OLIVEIRA,2002). A discussão de gênero como categoria construída socialmente “perpassa discursos de diferentes origens sociais, como o literário, o científico, o religioso, e os diversos discursos de senso comum” (SUÁREZ, 1992) e ainda caberia acrescentar os discursos raciais e também os racistas. E autoras que fizeram o cruzamento de dados raça e gênero afirmam que “a luta do negro não está sendo fácil no Brasil, está levando muita gente ao hospício e eu sei disso” em especial as mulheres (NASCIMENTO, 1982:194).

Foram feitas visitas a campo nas quais pude observar que a maioria dos atendidos no Pronto Socorro Psiquiátrico Wassily Chuc são homens e negros devido ao fato do Pronto Socorro atender casos de surtos causados por alcoolismo e dependência química, que tem uma prevalência nos homens o que pude constatar também através de dados. E entre as mulheres as negras são majorias. O Pronto Socorro atende em média 1300 a 1500 pacientes todo mês<sup>6</sup>.

Consideram-se cinco categorias para a pessoa se classificar quanto à característica cor ou raça: branca, preta, amarela (compreendendo - se nesta categoria a pessoa que se declarou de raça amarela), parda (incluindo-se nesta categoria a pessoa que se declarou mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou morena mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça) e indígena (considerando-se nesta categoria a pessoa que se declarou indígena ou índia) (IBEGE, 1997)

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nos dados recolhidos nos arquivos do Pronto Socorro Psiquiátricos Wassily Chuc temos a distribuição por cor entre as mulheres. Não foram agrupadas as categorias conforme adotadas pelo IBGE, pois mantivemos a autodeclaração informada no prontuário. As variáveis utilizadas para elaboração do gráfico são as seguintes: negra, preta/parda, morena, branca e as não declaradas/informadas. A forma adotada pelo Pronto Socorro Psiquiátrico Wassily Chuc é auto-declaração, ou seja, é perguntado ao paciente qual sua cor e este responde, não é oferecido opções para que ele escolha.

Usando o texto do IBEGE descrito acima é possível agruparmos os dados em negros, indígenas, amarelos e brancos e a partir disso é possível perceber que a maioria dos atendimentos entre as mulheres no Pronto Socorro Psiquiátrico são de mulheres negras e a observação no campo também demonstra essa variante.

---

<sup>6</sup> Dados do Pronto Socorro Wassily Chuc

#### **4. CONCLUSÃO**

A saúde mental, como a entendemos hoje só pode ser assim entendida em uma época relativamente recente no Ocidente. A bibliografia usada aponta para uma discussão que perpassa o meramente objetivo até a subjetividade das relações no que implica em ser mulher negra em uma sociedade que nega o racismo existente em todas as esferas.

No final desta pesquisa a discussão leva a relação entre as conseqüências do racismo e do sexismo com a saúde mental das mulheres negras. Partindo das literaturas já existentes sobre as seqüelas de traumas psicológicos gerados por uma violência simbólica<sup>7</sup> o mito da democracia racial e o desencadeamento de surtos e doenças psicológicas. Foucault afirma que a doença mental por mais exaurida que seja, ela leva a encarar a angustia como o elemento mórbido último, e como o cerne da doença. Mas para compreendê-la um novo estilo de análise se impõe: forma de experiência que vai além de suas próprias manifestações, a angustia nunca pode deixar-se reduzir por uma análise de tipo naturalista; consolidada no cerne da história individual, para dar-lhe, sob suas peripécias, uma significação única, ela também não pode esgotar-se numa análise de tipo histórico; mas a história e a natureza do homem só podem ser compreendidas tendo-a como referencia.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, Paulo César. O discurso sobre a saúde mental. In.: Alves, Paulo César e Minayo, Maria Cecília de S. (orgs) Saúde e doença; Um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz. 1994 p.91-99
- DUARTE, Luis Fernando D. A outra saúde: Mental, psicossocial físico moral? In.: ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de S. (orgs) Saúde e doença; Um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, p. 83-90.
- FOUCAULT, Michel. A história da Loucura na Idade Clássica. São Paulo. Perspectiva 6º ed, 2002.pp.
- FOUCAULT, Michel. Doença Mental e Psicologia. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro 1975. pp.99
- GONZÁLES, Lélia Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984. p.223-244.
- INOCÊNCIO, Nelson Odé. Representação visual do corpo Afro-descendente. In: Entre Áfricas e Brasis, 2001. p.
- MOREIRA, Diva. Casamentos inter-raciais: O homem negro a rejeição da mulher negra. In: Alternativas escassas: Saúde sexualidade e reprodução na Ame rica Latina, Rio de Janeiro. Editora 34,1994. p.81-108
- OLIVEIRA, Fátima. Saúde da População Negra. Brasília. 2001.p
- SEGATO, Rita Laura. A Natureza do gênero na psicanálise e na antropologia. In: Serie Antropologia 146, Brasília. 1993
- WERNECK, Jurema. O Livro da Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos Vêm de Longe. Rio de Janeiro. Criola, 2000. p.

---

<sup>7</sup> Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra (González(1984) p.228)